

A relação entre a presença do núcleo Voice e o clítico SE no português brasileiro*

The relationship between Voice and the clitic SE in Brazilian Portuguese

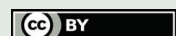
Janayna Carvalho
(Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil)

RESUMO

*Neste texto, estudo três construções que tiveram/estão tendo mudanças em sua sintaxe no português brasileiro (PB). São elas: **anticausativas**, como em (1) O prato (se) quebrou: **médias**, como em (2) Essa roupa (se) lava fácil e **impessoais**, como (3) Nesse lugar (se) vende bota. Em sincronias anteriores, essas construções eram marcadas com uma morfologia específica, o clítico SE. Atualmente, são também possíveis sem a presença deste clítico. Afirmo que as mudanças nas estruturas desses eventos possuem uma origem em comum: a perda de SE que nucleia um tipo de projeção Voice específica.*

Palavras-chave: *clítico SE. projeção Voice. português brasileiro.*

* Pós-doutoranda no Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo, com apoio da FAPESP (2016/02239-9). A pesquisa reportada neste artigo foi feita durante meu Doutorado e contou com apoio do CNPq (processos 142048/2012-7 e 229746/2013-6). Agradeço à audiência do III Colóquio Brasileiro de Morfologia, realizado entre os dias 24 e 26 de novembro de 2015 na Universidade de São Paulo, onde uma versão deste trabalho foi apresentada. Um agradecimento especial a Danniell Carvalho, debatedor dos trabalhos da mesa em que apresentei. Agradeço, ainda, aos pareceristas anônimos, e aos colegas Jairo Nunes e Letícia Santos por sugestões e discussões que enriqueceram este texto. Todos os erros restantes são de minha inteira responsabilidade.



This content is licensed under a Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use and distribution, provided the original author and source are credited.

ABSTRACT

*In this text, I study three constructions that have changed in Brazilian Portuguese (BP), namely **anticausatives**, as in (1) *The plate (se) broke*; **middles**, as in (2) *These clothes (se) wash easily*; and **impersonals**, as in (3) *In this place (se) sell boots*. These constructions were obligatorily marked with the clitic SE in previous centuries. I argue that the structural changes in these events have a common source: the loss of the clitic SE which is the nucleus of a specific Voice projection.*

Key-words: *clitic SE. Voice projection. Brazilian Portuguese.*

1. Introdução

Neste texto, estudo uma mudança em curso na sintaxe de anticausativas, médias e impessoais do português brasileiro (PB), exemplificada pela “opcionalidade” do clítico SE nas sentenças de (1) a (3). Cada um dos dados é seguido de sua nomenclatura e uma breve caracterização semântica.

- (1) O prato (se) quebrou. (SE)-anticausativa
- Evento com duas características centrais:
 - (i) mudança de estado do argumento interno, o prato passou de *não quebrado* a *quebrado*;
 - (ii) o argumento externo que causou a mudança de estado não aparece expresso.
- (2) Essa roupa (se) lava fácil. (SE)-média
- Evento em que se descreve uma propriedade do complemento lógico do verbo. Como a propriedade é inerente ao DP frontado (isto é, independe de um evento específico), essas sentenças são genéricas. Em (2), por exemplo, a propriedade descrita é a facilidade de lavagem da roupa em questão.
- (3) Nessa loja não (se) vende sapato. (SE)-impessoal
- Evento em que um participante arbitrário faz ou não a ação descrita pelo verbo. Em (3), assere-se que qualquer pessoa que esteja na loja em questão e pudesse vender sapato não tem feito mais essa atividade.

Levando em conta estes dados, as perguntas que guiam este texto são as seguintes:

A relação entre a presença do núcleo *Voice* e o clítico SE no português brasileiro*

- i. Qual é a diferença estrutural entre as formas marcadas dos eventos acima (formas com o clítico SE) e suas formas não marcadas (sem o clítico SE)?¹
- ii. Qual é o papel do clítico SE nessas sentenças?
- iii. Essas mudanças argumentais podem nos dizer alguma coisa sobre as mudanças em curso no português brasileiro?

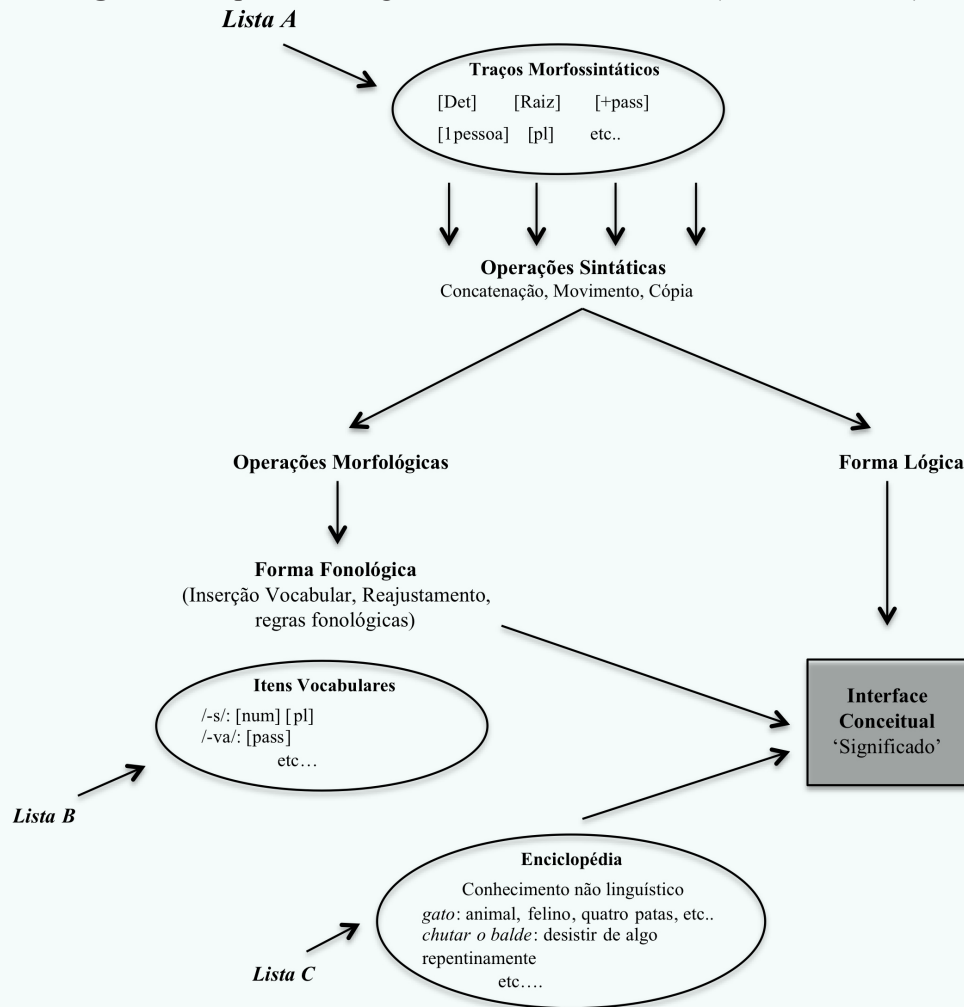
Uma vez que os falantes não julgam que as formas marcadas (com clítico SE) e não marcadas (sem clítico SE) das sentenças de (1) a (3) apresentem diferença, alguém poderia dizer que o “apagamento” do clítico acima não causa qualquer mudança estrutural. Entretanto, um estudo mais minucioso da sintaxe desses eventos aponta uma característica interessante: todas as instâncias não marcadas dos eventos de (1) a (3) possuem uma similaridade: a ausência da projeção *Voice*, que introduz um argumento externo. As contrapartes marcadas, por outro lado, apresentam essa projeção. Examinar essas características dos eventos nas sentenças acima só é possível em uma abordagem não lexicalista para a estrutura argumental. Mais especificamente, uma abordagem que defenda que a estrutura argumental ocorre na sintaxe e as diferentes estruturas nas quais os verbos são licenciados nas línguas são resultado dos formativos à disposição para uma dada língua.

Para estudar a sintaxe da estrutura argumental dos eventos acima, utilizo a abordagem da Morfologia Distribuída (MD), um modelo gerativo de arquitetura da gramática.² Uma das principais características desse modelo é a assunção de que a formação de palavras não difere da formação de sentenças, já que ambas ocorrem no componente sintático e são sujeitas às mesmas operações. Dessa forma, o léxico, como um repositório de idiosincrasias e operações pouco produtivas, não existe para a MD. O papel variado do léxico em algumas correntes lexicalistas (guarda elementos idiosincráticos, guarda significados especiais, guarda formas irregulares de palavras) é distribuído na gramática com 3 listas, como se pode ver na Figura 1 abaixo.

1. A tendência de apagamento do clítico SE em PB já foi largamente notada cf.: Cavalcante 1999, 2006, Cyrino 2007, 2010, Duarte 2002, Galves 1988, 2001, Negrão; Viotti 2008, 2011, Nunes 1990, 1995, entre muitos outros. Entretanto, são poucos os estudos que se atentam para a mudança estrutural desses eventos.

2. Uma introdução ampla e atual ao arcabouço teórico da MD pode ser encontrada em Embick (2015).

Figura 1- Arquitetura da gramática na visão da MD (Freitas 2015:47)



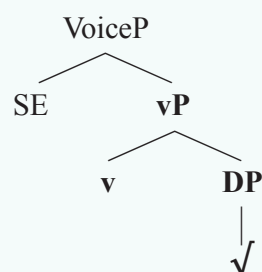
Na Lista A, estão presentes os traços morfossintáticos de uma língua, como ‘plural’, ‘feminino’, ‘masculino’, além de raízes, que são os elementos mínimos com os quais a sintaxe vai trabalhar. É importante ressaltar que (pelo menos alguns d)os elementos da Lista A são destituídos de fonologia. Somente após a derivação sintática, esses itens receberão traços fonológicos. Isso acontece na Lista B, a lista em que os itens vocabulares estão presentes. Finalmente, a Lista C é o lugar dos significados especiais. É nessa lista, por exemplo, que um sintagma como *chutar o balde* é interpretado de forma não composicional, significando ‘desistir’, ‘perder o controle’, ‘mergulhar de cabeça’, etc.

No que tange, especialmente, à formação dos eventos em estudo, assumo as seguintes características: assim como todas derivações, esses eventos começam com raízes acategoriais, que serão categorizadas sintaticamente durante a derivação. A estrutura verbal dos eventos em tela contém, obrigatoriamente, um *vezinho* (indicando eventividade). Adicionalmente, esses eventos podem

A relação entre a presença do núcleo *Voice* e o clítico SE no português brasileiro*

também conter a projeção *Voice*, que introduz o argumento externo. Em resumo, a estrutura dos eventos que assumo é, de forma simplificada, a que se vê em (4):

- (4) Estrutura simplificada dos eventos (a ser reformulada)



Ao assumir essa estrutura, em que SE está na projeção *Voice*, já há uma primeira diferença entre eventos marcados e não marcados aqui estudados: a presença de *Voice*. À medida que a discussão avançar, outras diferenças aparecerão. Na seção 2, a diferença entre eventos marcados e não marcados será discutida com mais detalhes.

Este texto é organizado da seguinte forma: na seção 2, estudo a sintaxe dos eventos marcados e não marcados; na seção 3, discuto a relação entre *Voice* e SE no PB. Por fim, na seção 4, concluo a discussão.

2. A sintaxe dos eventos marcados e não marcados

Nesta seção, aprimoro a estrutura dos eventos marcados apresentada em (4), ao comparar os eventos marcados e não marcados quanto às suas estruturas sintáticas. Mais especificamente, a estrutura apresentada em (4) é refinada de modo a mostrar diferenças entre estruturas de anticausativas marcadas, de um lado, e médias e impessoais, de outro. Isso significa que a mudança na estrutura de anticausativas marcadas para as suas contrapartes não marcadas deve ser diferente da mudança de médias e impessoais marcadas para não marcadas. Esse é, de fato, o caso. Embora eu afirme que a perda de SE é a perda de uma projeção *Voice* específica em todos os casos estudados, as diferenças quanto aos testes estruturais seguem do fato que médias e impessoais têm uma projeção *Voice* mais articulada. No final da seção, o comportamento desses dois grupos de eventos nos permitirá refinar a estrutura postulada em (4).

2.1 Anticausativas

Apesar de haver várias abordagens para a formação de anticausativas, é ponto pacífico que não se pode recuperar um argumento externo com papel temático agente nessas sentenças. Isso distingue anticausativas de passivas, por exemplo. Enquanto aquelas não licenciam *by-phrases* (**O portão (se) abriu*

pela Maria), estas licenciam esse tipo de adjunto (*O portão foi aberto pela Maria*).

No entanto, anticausativas licenciam um tipo específico de PPs. No português, eles são encabeçados pela proposição *com* e somente causas e eventos causadores podem ser recuperados com esse tipo de adjunto, como (5) mostra.

(5) O portão se abriu com o vento.

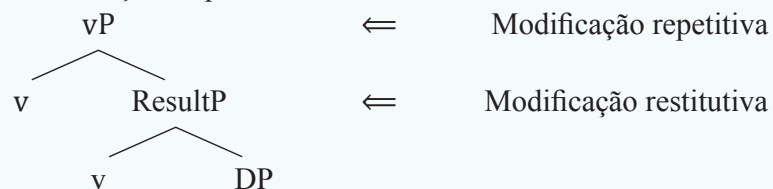
Em uma abordagem sintática, essa propriedade de anticausativas levou Alexiadou, Anagnostopoulou & Schäfer (2006, 2015) a postular a existência de um *vezinho* causativo nesse tipo de evento. Mais particularmente, o licenciamento de adjuntos causais nessas construções mostra que esse adjunto é licenciado devido aos traços de causa dessa projeção (cf.: Alexiadou 1997, Cinque 1999 sobre o licenciamento de advérbios).³ Em relação a esse teste, percebe-se que não há nenhuma modificação nesse aspecto em relação às anticausativas não marcadas, como o exemplo (6) mostra.

(6) O portão (se) abriu com o vento.

Isso significa que, tanto em anticausativas marcadas quanto em não marcadas, adjuntos causais são licenciados, indicando que não há nenhuma diferença entre anticausativas marcadas e não marcadas na camada vP.

Um outro teste que nos permite mapear a estrutura de anticausativas é a ambiguidade de escopo com o modificador *de novo*. A depender da posição em que esse modificador é concatenado à estrutura, ou uma leitura restitutiva ou uma leitura repetitiva é evocada (cf.: von Stechow 1996). Mais particularmente, se esse modificador se concatena à camada de processo (em (7), o vP), a leitura obtida é a repetitiva. Por outro lado, se esse advérbio modifica o resultado da mudança de estado (em (7), a camada *ResultP*), a leitura obtida é a restitutiva. Como se trata de um fenômeno de ambiguidade de escopo, ele nos dá pistas para a estrutura sintática de anticausativas, em que cada uma das subpartes do evento – processo e resultado da ação – é representada por uma camada sintática diferente.

(7) Modificações repetitiva e restitutiva no vP



3. Uma sentença como ‘*O portão se abriu com a Maria*’ também é gramatical, mas significa algo como ‘*com a força de Maria/ com o empurrão de Maria*’, o que mostra, novamente, que adjuntos com papel temático de agente não são licenciados em anticausativas.

A relação entre a presença do núcleo Voice e o clítico SE no português brasileiro*

A sentença em (8) exemplifica um caso de ambiguidade de escopo desse modificador e suas leituras correspondentes. Os verbos aspectuais ‘começar’ e ‘terminar’ são usados para salientar as leituras de processo e resultado. O que é crucial nesse exemplo é que as duas leituras e interpretações se mantêm, independentemente de a anticausativa ser marcada ou não.

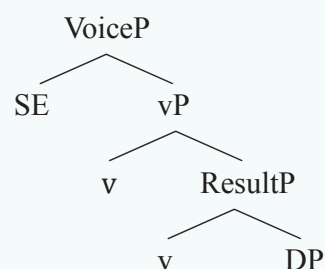
(8) O portão (se) abriu de novo.

Leitura repetitiva: Ventava muito e o portão abria e fechava sem parar. João escorou o portão, mas ventava tanto que a escora não foi suficiente: o portão começou a abrir de novo (o processo de abertura do portão é enfocado).

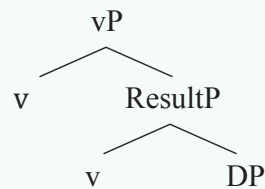
Leitura restitutiva: A trava do portão estava solta e, com o vento, ele fechou. João abriu o portão, mas, prevendo a possibilidade de ele fechar de novo, colocou uma mola no trinco. O portão ia fechar, mas bateu na mola e acabou abrindo de novo (o estado final é enfocado).

O que esses dois testes nos mostram é que a sintaxe de anticausativas não se altera significativamente com a perda do clítico SE: tanto um *vezinho* causativo (ao qual o PP que indica causa do evento se concatena) quanto a estrutura interna do evento, com duas camadas de *vezinhos*, é mantida. Por isso, adoto as ideias presentes em Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2006, 2015) e Schäfer (2008) de que a morfologia em *Voice* em anticausativas se comporta como um expletivo. Isso significa que a morfologia que ocorre em anticausativas não tem referência. Decorre disso o uso da qualificação ‘expletiva’ para essa morfologia. Assim, nessa abordagem, a estrutura de anticausativas marcadas e não marcadas não difere significativamente porque não há *pro*, a realização de um argumento externo, na projeção *Voice* de anticausativas (como há em médias e impessoais marcadas). Somente uma projeção sem importe argumental foi perdida em anticausativas. Tendo isso em mente, (9) apresenta a estrutura de anticausativas marcadas e, em (10), de não marcadas.

(9) Anticausativa marcada



(10) Anticausativa não marcada

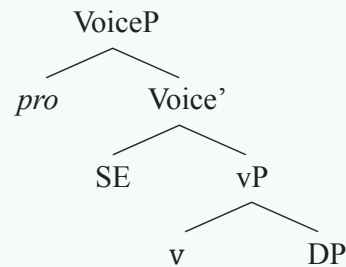


Nas próximas subseções, estudo as sentenças médias e impessoais marcadas e suas contrapartes não marcadas.

2.2 Médias e impessoais: a presença de *pro*

A situação que se observa com anticausativas não se mantém com sentenças médias e impessoais. Isso, afirmo, se dá pelo fato de que médias e impessoais marcadas envolvem a interpretação de um agente arbitrário. Portanto, nesses eventos, além da presença de SE no núcleo de *Voice*, há também a presença de um *pro* no especificador de *Voice*, como se vê na estrutura simplificada abaixo.

(11) Médias e impessoais marcadas



O que diferencia médias e impessoais com essa estrutura é o fato de impessoais terem duas sondas, o que pode ser comprovado pelo fato de seu objeto poder ser pronominalizado com uma forma oblíqua (cf.: Nunes 1990).

- (12) a. Aqui pode-se comprar brigadeiro.
b. Pode-se comprá-lo.

O mesmo não é possível com médias, que só tem uma sonda. Nesse caso, somente Caso nominativo está disponível para atribuição, mas não Caso acusativo.

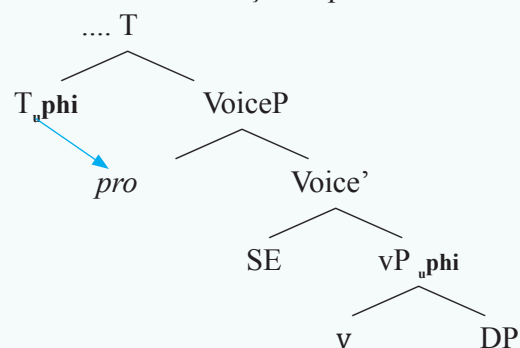
- (13) a. Essa jaqueta se veste facilmente.
b. *Veste-se-a facilmente.

As estruturas em (14) e (15), então, ilustram como a estrutura de médias e impessoais diferem em termos de atribuição de Caso. A estrutura de médias só possui uma sonda para atribuição de Caso nominativo em T, já a estrutura de impessoais possui uma sonda para atribuição de Caso nominativo em T e uma

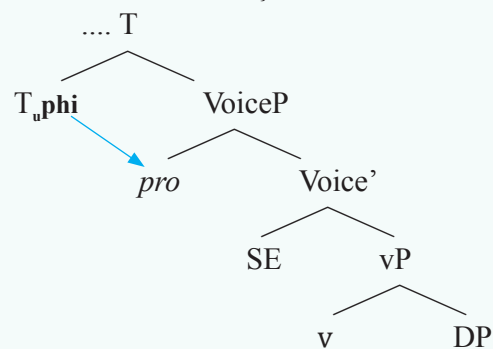
A relação entre a presença do núcleo Voice e o clítico SE no português brasileiro*

sonda em *vezinho*, para atribuição de Caso acusativo. Na estrutura em (14), T entra em uma relação de valoração com *pro* e *v*, com o DP. Na estrutura em (15), T entra em uma relação de valoração com *pro* e o DP que é complemento lógico do verbo vai receber Caso de outra forma, como se verá abaixo.⁴

(14) Estrutura de sentenças impessoais



(15) Estrutura de sentenças médias



Na próxima seção, passo a tratar, especificamente, da estrutura de médias marcadas e não marcadas.

2.3 Médias marcadas e não marcadas

No que concerne à estrutura de sentenças médias em PB, um aspecto que não tem sido comumente notado na literatura são as restrições quanto ao DP correspondente ao objeto lógico do verbo. É esse aspecto que vou explorar para entender melhor a sintaxe das médias marcadas e não marcadas do PB.

Na sentença em (2), vimos que a presença ou ausência do clítico SE não impacta na gramaticalidade de sentenças médias.⁵ A situação, todavia, é mais

4. Cabe ressaltar que essa é a situação que assumo para o PB. Ela é parametrizável de acordo com os traços que se assume para *pro* em cada língua. Para mais discussões, veja Carvalho (2016a: cap. 1)

5. Ver o capítulo (4) em Carvalho (2016a) para a discussão de classes de verbos que só são licenciadas em médias marcadas. Essa mudança quanto à classe de verbos, juntamente com outras apresentadas no corpo do texto, leva Carvalho (2016a) a afirmar que médias não marcadas do PB são inacusativas genéricas, o que leva a outras mudanças no PB, como o aparecimento da alternância agentiva (*O João*

complexa, quando outros elementos são levados em consideração. Uma pista para a mudança sintática na estrutura de médias marcadas para não marcadas em PB pode ser visto no contraste em (16). Somente uma média não marcada pode ser formada com o DP ‘*Nenhuma roupa*’ e o verbo *lavar*.

- (16) a. **Nenhuma roupa se lava fácil com esse sabão.*
b. *Nenhuma roupa lava fácil com esse sabão.*

O exemplo (2), repetido abaixo como (17), indica que o verbo *lavar* é licenciado tanto em médias marcadas quanto em não marcadas na presença de um DP específico como ‘*Essa roupa*’.

- (17) *Essa roupa (se) lava fácil.*

Portanto, o contraste que se observa entre médias marcadas e não marcadas pode ser explorado quando levamos em conta o tipo de DP. Os dados em (18) ilustram a mesma restrição. Em (18a), uma média marcada, um DP indefinido é agramatical. Em contraste, (18b) mostra que uma média não marcada não possui essa restrição, o DP indefinido é aceito.

- (18) a. **Alguma fruta se corta fácil com essa faca.*
b. *Alguma fruta corta fácil com essa faca.*

A distribuição de DPs em médias marcadas parece replicar o comportamento de tópicos acima de TP: esses também devem ser, obrigatoriamente, definidos (cf.: Kato 1998; Aguiar 2007, entre outros para o PB). A agramaticalidade dos exemplos em (19a-b), em que indefinidos ocorrem em posição de tópico, indica isso.⁶ Como a mesma restrição se observa em sentenças médias marcadas, os DPs prepostos devem estar em uma posição de tópico nessas sentenças, portanto acima de TP.

lavou a roupa/A roupa lavou). Para detalhes, consulte Carvalho (2016a).

6. Algumas características dos DPs que aparecem em posição de tópico devem ser realçadas aqui. É importante notar que alguns DPs são ambíguos entre uma interpretação definida e indefinida. Nos juízos de gramaticalidade desta seção, o aspecto relevante é que as médias marcadas não aceitam DPs indefinidos prepostos. (19a) é gramatical se se referir a uma certa professora. (19b) melhora se o DP estiver no plural, como em (ii), mas aí a interpretação definida, significando ‘*algumas professoras de um grupo*’, está presente. Na verdade, esses fatos comprovam a hipótese defendida aqui.

(i) Uma (certa) professora, ela não vem sempre.

(ii) Algumas professoras, elas não vêm sempre.

Além disso, um parecerista anônimo cita o trabalho de Silva (2012) sobre a impossibilidade de um DP encabeçado por *algum* ter um DP correferente na sentença por ser epistêmico. Embora eu não trate do valor modal de *algum* neste texto, acredito que a generalização se mantém. *Algum* não pode ocorrer em posição de tópico porque não introduz referentes específicos ou definidos e é isso que (19b) intenta mostrar. Aguiar (2007) mostra que DPs encabeçados por quantificadores podem ocorrer em posição de tópico desde que estejam modificados, porque dessa forma se tornam específicos. Comparem-se, por exemplo, (i) e (ii), retirados de Aguiar (2007:134). Os julgamentos são meus e se referem a situações em que essas sentenças são proferidas sem contexto prévio.

(i) **Algumas, o João enviou.*

(ii) *Algumas das cartas, o João enviou.*

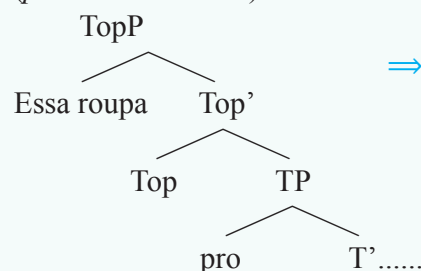
A relação entre a presença do núcleo Voice e o clítico SE no português brasileiro*

- (19) a. *Uma professora, ela não vem sempre.
b. *Alguma professora, ela não vem sempre.

Essa propriedade de médias marcadas pode ser correlacionada à estrutura assumida para elas. Assumindo que *pro* é obrigatoriamente projetado como especificador de *Voice* em médias marcadas, *pro* se move para T para satisfazer EPP e o complemento lógico do verbo está na posição de tópico.⁷ Em médias não marcadas, *pro* não é projetado (há uma relação de dependência entre a projeção de *pro* e a existência de SE, como se verá na seção 3) e o DP anteposto não possui os mesmos requerimentos que o DP em médias marcadas. Esquemáticamente, pode-se representar essas ideias como em (20).

- (20) a. Médias marcadas

(*pro* satisfaz o EPP)

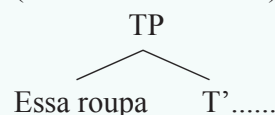


⇒ O DP nessa posição deve ter as propriedades de tópico do PB (e.g. definido/específico e referencial).

- *Essa roupa se lava fácil.* →DP licenciado em posição de tópico.
- **Alguma fruta se corta fácil com essa faca.* →DP não licenciado em posição de tópico.

- b. Médias não marcadas

(o DP satisfaz o EPP)



⇒ O DP nessa posição não tem restrições de definitude/especificidade.

- *Essa roupa se lava fácil.*
- *Alguma fruta corta fácil com essa faca.*

Resta-nos saber se o DP em médias marcadas nasce nessa posição de tópico ou se sobe da posição de complemento para essa posição. As propriedades de concordância de médias marcadas vão apontar que esse elemento é gerado na posição de tópico em médias marcadas, enquanto é gerado como complemento lógico do verbo em médias não marcadas.

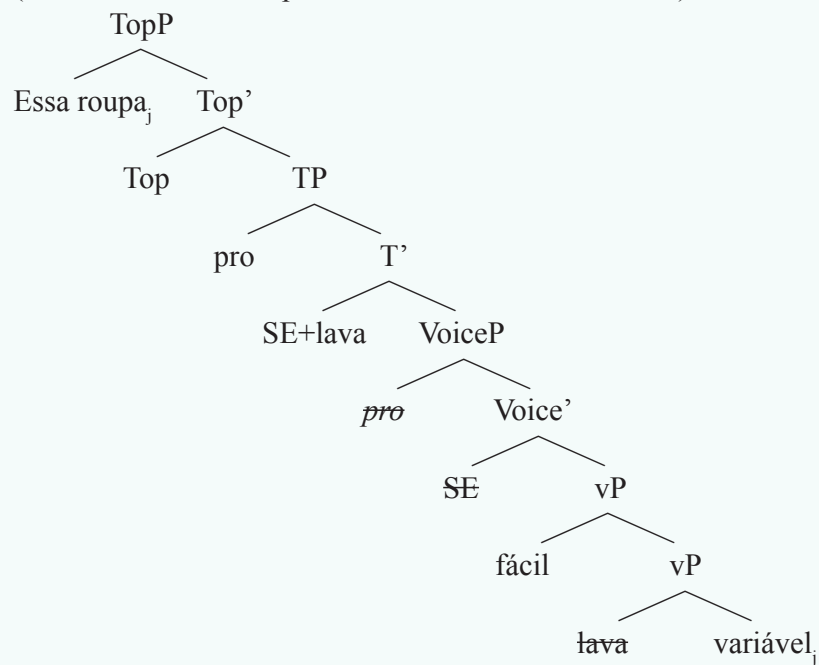
7. Para muitos autores, a posição de tópico é uma posição argumental em PB. Não vou me comprometer no momento com uma análise de tópico como A' ou A neste texto.

Para exemplificar as propriedades contrastantes de concordância de médias marcadas e não marcadas, considere (21), que exemplifica que médias marcadas não admitem concordância entre o verbo e o DP, enquanto médias não marcadas admitem.

- (21) a. *Esses livros se vendem que nem água.⁸
b. Esses livros vendem que nem água.

O exemplo em (21) mostra que o constituinte *esses livros* não pode entrar em uma relação de concordância com T, porque T já entra em uma relação com *pro* (cf.: estrutura em (15)). Em (21b), por outro lado, com a ausência de *pro*, T pode entrar em uma relação com o DP *esses livros*. Quando se leva isso em consideração juntamente com o fato de que o DP em médias marcadas está em uma posição de tópico, fica claro que esse elemento já nasce nessa posição e recebe Caso *default* nela (cf.: Schütze 2001, Kato 2012). Para que seja interpretado como complemento do verbo, ele deve estar ligado a uma variável nessa posição. Portanto, a estrutura da derivação de médias marcadas é tal como se vê em (22).

- (22) Derivação de médias marcadas
(detalhes irrelevantes para a discussão foram omitidos)



8. Sentenças médias com DP preposto e verbo no plural são agramaticais para 5 de 6 falantes consultados. O falante que aceita concordância de DPs prepostos com verbos no plural variava seu julgamento à medida que era consultado sobre novas sentenças, o que mostra que esse julgamento não era sistemático. Além disso, em Rodrigues (1998) e Cavalcante (2006), o leitor pode encontrar exemplos estruturalmente iguais a (21) julgados como agramaticais, ainda que a explicação para esse fenômeno seja diferente nos trabalhos citados.

A relação entre a presença do núcleo Voice e o clítico SE no português brasileiro*

Antes de passar à estrutura de médias não marcadas, é importante, contudo, considerar um caminho de análise alternativo a esse que venho defendendo, apontada por um parecerista anônimo. De acordo com esse parecerista, é o próprio clítico SE que impede a concordância entre o verbo e o DP em médias. Isso está ligado a outra observação do mesmo parecerista: nas construções com SE aqui estudadas, esse clítico está relacionado à agentividade. Essa não parece ser a explicação mais acurada para os dados porque, em sincronias anteriores, o PB permitia que houvesse a concordância entre DP e verbo em médias e passivas. O exemplo em (23), de Cyrino (2007:97), exemplifica isso.

- (23) poiz as fazendas que vierão neste Comboiy se venderão muito bem Vendidas.

Além disso, em outras línguas românicas, essa concordância ainda é permitida. (24), abaixo, de Raposo e Uriagereka (1996:765), é uma sentença ambígua no português europeu (PE), mas não no PB. Enquanto nas duas línguas essa pode ser uma sentença recíproca - em que as entidades denotadas pelo DP argumento externo *os especialistas* consultam umas às outras -, somente no PE essa pode ser uma sentença passiva, em que um participante indefinido consultou os especialistas.

- (24) Os especialistas consultaram-se durante a operação.
Sentença recíproca: PB, PE
Sentença passiva: PE, *PB

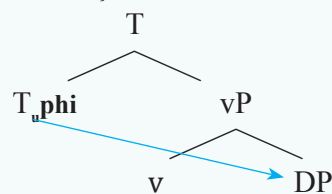
Assim, assumir que os efeitos de intervenção do clítico SE são explicados porque ele é o próprio agente não explica os dados históricos do PB e os dados possíveis em outras línguas românicas, como o PE atual. Outra evidência é a falta de agentividade em sentenças anticausativas marcadas, como vimos acima. Se quisermos atribuir ao SE o papel de licenciador da agentividade em sentenças médias e impessoais, teremos de postular, apenas para as três construções em tela, dois tipos de SE, um presente em anticausativas, sem traço-*phi* de pessoa e que não cria intervenção nas relações entre a sonda T e outros DPs, e um presente em médias e impessoais marcadas, com traço-*phi* de pessoa e que cria intervenções na relação de sonda e alvo entre T e outros DPs. Notoriamente, essa é uma falsa economia.

Os exemplos em (24) parecem sugerir, então, que há um pronome nulo de natureza diferente nessas línguas. O pronome nulo do PB se tornou mais especificado – isto é, com mais traços-*phi* – e é interventor para a concordância com outros elementos da sentença. Ele possui todos os traços compatíveis com a sonda (T), o que impede que a sonda valore elementos mais baixos. Dada essa especificação do pronome nulo, o PB só pode continuar a formar médias marcadas se o DP de médias nascer em uma posição de tópico e receber Caso *default* nessa posição. As restrições quanto ao tipo de DP (16-18) e a

impossibilidade de concordância entre o DP e o verbo (21) mostram que esse é, de fato, o caso. Cabe ressaltar que essa assunção da minha proposta é uma releitura de uma proposta de Nunes (1990) sobre a perda de passivas com SE em PB. Para o autor, *pro* em sentenças com SE se tornou referencial e deve receber, obrigatoriamente, um papel temático. Além disso, esse pronome nulo em médias se comporta como os pronomes do PB em geral, que tendem a ser totalmente especificados com a mudança de parâmetro em curso (cf.: Kato, 1999). Em outras palavras, a estrutura das sentenças aqui estudadas em PB está ligadas a mudanças mais gerais nessa língua.

Em contraposição, médias não marcadas não possuem a camada *Voice* (composta pelo núcleo SE e *pro* em seu especificador) e, assim, T entra em uma relação de Agree com o DP, que nasce como complemento lógico do verbo, para atribuição de Caso, como se mostra em (25). Isso explica o fato de que não há restrições para a concordância entre o verbo e o DP em médias não marcadas, conforme mostrado pelo contraste entre (21a) e (21b).⁹

(25) Derivação de médias não marcadas



Posteriormente, esse DP se move para a posição de especificador de T para satisfazer o EPP.

Se as estruturas propostas aqui estão no caminho certo, as estruturas para as médias marcadas e não marcadas do PB permitem realçar mais uma diferença entre esses dois tipos. Médias marcadas possuem a presença de um agente, representado por *pro* em *Voice*. Com a perda de *Voice*, médias não marcadas não possuem um agente representado. O contraste abaixo, notado em Pacheco (2008:48), confirma essa predição. (26) mostra que médias marcadas licenciam advérbios orientados para o sujeito e orações de propósito. O licenciamento desses elementos indica a presença de um agente implícito. (27), por sua vez, mostra que médias não marcadas não licenciam esses elementos, o que indica a falta de um agente implícito e, conseqüentemente, de *Voice*.

9. Uma questão que merece menção é o fato de que, em médias não marcadas, DPs de 1ª e 2ª pessoa também serem licenciados. Isto é, sentenças como *'Eu vendo bem'* e *'Você vende bem'* podem ter uma interpretação compatível com a sentença em (2): alguma propriedade minha ou sua faz que "sejamos comprados" pelas outras pessoas (plausível em uma leitura em que produtos à venda no supermercado são animados, por exemplo, e conversam um com o outro). Por outro lado, com SE presente, sentenças como *'Eu se/me vendo bem'* e *'Você se vende bem'* nunca terão interpretação de médias, somente interpretação reflexiva. Isso mostra, primeiramente, que, nas médias marcadas, T deve sempre estar especificado para 3ª pessoa (ver seção 3.1 em que isso é atribuído aos traços restritivos de SE) e que, nas médias não marcadas, não há, de fato, nenhuma projeção com elementos nulos intervindo, já que há concordância do verbo e do sujeito em traços-*phi*.

A relação entre a presença do núcleo *Voice* e o clítico SE no português brasileiro*

- (26) Médias marcadas
a. Receita de bolo se prepara com atenção.
b. Receita de bolo se prepara para agradar as crianças.
- (27) Médias não marcadas
a. *Receita de bolo prepara com atenção.
b. *Receita de bolo prepara para agradar crianças.

Observe, ainda, que a estrutura que se assume aqui para médias não marcadas é a de uma sentença inacusativa plena – isto é, constituída somente de um verbo e um DP. Essa caracterização se mostra correta quando se observa que alçamento de possuidor é possível com médias não marcadas, como exemplificado em (28b). Médias marcadas, por outro lado, não podem ter alçamento de possuidor, porque a presença de *Voice* impede o alçamento do possuidor.¹⁰

- (28) a. Banco de carro velho (se) limpa rápido.
b. Carro velho (*se) limpa o banco rápido.

Na próxima seção, contraste as propriedades de impessoais marcadas e não marcadas.

2.4 Impessoais marcadas e não marcadas

Impessoais marcadas e não marcadas também possuem diferenças que acusam estruturas sintáticas diferentes. Nesta seção, apontarei somente algumas delas.¹¹ A análise aqui esboçada mostra que um paralelismo com as médias se mantém: a falta de SE leva à falta de *pro*. Como resultado, a língua usa de outros meios para derivar sentenças impessoais.

Contrariamente à análise dada às médias, todavia, não se pode dizer que impessoais não marcadas são inacusativas. Primeiramente, a presença de um participante arbitrário é crucial em impessoais e, de alguma forma, ele deve ser representado. Uma opção é pensar que, se esse participante arbitrário não está foneticamente realizado, ele foi saturado no léxico. Todavia, tendo em vista que assumo a MD neste texto, um verbo não tem uma estrutura argumental *a priori*.

10. Em algumas abordagens, médias são caracterizadas como construções que devem ter, obrigatoriamente, alguma representação do agente. Em outras, por outro lado, sentenças inacusativas genéricas podem ser consideradas médias (Condoravdi 1989). Neste texto, opto por chamar de médias sentenças genéricas em que se descreve uma propriedade do complemento lógico do verbo, portanto a representação do agente não seria obrigatória. No entanto, se se quiser assumir que sentenças sem a representação do agente não são médias, o que é retratado na seção 2.3 se mantém com a seguinte modificação: a perda de *Voice* levou à perda de médias no PB, fazendo que as classes de inacusativas genéricas e médias se tornassem indistintas.

11. Uma descrição mais completa das sentenças impessoais não marcadas do PB pode ser vista em Carvalho (2016a), Alexiadou e Carvalho (no prelo) e Carvalho (2016b).

De acordo com a abordagem de estrutura argumental da MD, as estruturas em que um verbo pode entrar mudam de acordo com as especificações dos núcleos funcionais da língua. Assim, o fato de um verbo/nominalização mostrar propriedades ‘agentivas’, por assim dizer, em uma construção não nos diz, necessariamente, que esse verbo só pode entrar em construções em que um agente esteja presente.

Além disso, assumir que a estrutura argumental do verbo seria saturada no léxico prediria que essas sentenças só projetam um argumento na sintaxe, no caso o DP que é objeto do verbo. Contudo, isso não é verdade. Um conhecido teste para inacusatividade no PB é a possibilidade de alçamento de possuidor, possibilidade que só se manifesta com inacusativas plenas (i.e. inacusativas com o verbo e o seu complemento). (29b), uma versão de (29a) com o alçamento de possuidor do objeto, é agramatical.

- (29) a. Aqui conserta torneira de banheiro.
b. *Aqui banheiro conserta torneira.

Portanto, o elemento que está saturando a posição de argumento externo em (29a) está presente na sintaxe. Abaixo, resalto algumas características das impessoais nulas do PB para afirmar que o locativo satura a posição de argumento externo. São três as evidências para essa afirmação listadas abaixo:

- (i) Somente locativos são licenciados como modificador adverbial nessas sentenças;
- (ii) Somente verbos transitivos do tipo *stage-level* são licenciados em impessoais não marcadas;
- (iii) Testes com elementos que acusam a presença de agentividade levam a sentenças agramaticais. Isso mostra que o elemento responsável por licenciar a interpretação de um participante arbitrário do evento não deve ter especificação de traço de pessoa, necessário para licenciar esses elementos.

Abaixo, exemplifico cada uma dessas propriedades. Com relação à propriedade (i), as sentenças impessoais não marcadas toleram poucos modificadores. De uma forma geral, somente modificadores locativos que localizam o evento descrito são licenciados. As sentenças em (30) exemplificam as diferenças entre as impessoais marcadas e as não marcadas em mais esse quesito. Enquanto as impessoais marcadas não parecem ter uma seleção de adjunto verbal, licenciando qualquer elemento que seja coerente com o evento descrito, as impessoais não marcadas só licenciam locativos, como se vê em (30c).

- (30) a. Com garra, *(se) aprende muito.
b. No meu julgamento *(se) lida com isso de uma forma problemática.
c. Nesta empresa (se) empresta dinheiro.

A relação entre a presença do núcleo Voice e o clítico SE no português brasileiro*

É importante frisar, ainda, que não é qualquer tipo de locativo que satisfaz os requerimentos de impessoais não marcadas, como se vê pela agramaticalidade de (31).

(31) *Dessa empresa empresta dinheiro.

Os locativos que são gramaticais em impessoais não marcadas são às vezes chamados de ‘modificadores de cena’ (scene-setting modifiers) porque especificam o local onde todo o evento aconteceu. A agramaticalidade de (31) reside, então, no fato de que *dessa empresa* não descreve o local de empréstimo de dinheiro, mas sim de onde provém o dinheiro do empréstimo.¹² Para Maienborn (2003), locativos que são modificadores de cena são concatenados acima do vP, antes da introdução de argumento externo. Esses elementos são concebidos como uma expressão do argumento evento (cf.: Kratzer 1995).

A segunda diferença entre as impessoais marcadas e não marcadas é de seleção verbal. Como os dados em (32a-e) mostram, as impessoais marcadas do PB não parecem ter requerimentos seletivos específicos, o que significa que o clítico SE pode tomar as posições de argumento externo ou interno de qualquer verbo, desde que ele acabe em uma posição que receba Caso nominativo.¹³

(32) a. **Vende-se** bons vinhos naquele restaurante.

Transitivo stage-level

b. **Cresce-se** muito após sair da casa dos pais.

Inacusativo stage-level

c. Após os 70 anos se **teme** a morte súbita.

Transitivo individual-level

d. Nesta fila imensa se **fica** muito tempo

Inacusativo individual-level

e. Neste país se **trabalha** muito

Inergativo (stage-level)¹⁴

Por outro lado, as impessoais não marcadas só são formadas com verbos transitivos *stage-level*. Mais especificamente, a restrição é de que a leitura de

12. Como um parecerista anônimo aponta, o PP *dessa empresa* na sentença em questão difere dos locativos de impessoais nulas porque denota origem de movimento, uma relação que parece ser argumental. Isso está de acordo com a argumentação desenvolvida no texto, uma vez que afirmo que não é qualquer adjunto que sinalize um local que poderá ser licenciado em impessoais nulas. Somente adjuntos que localizam o evento inteiro são licenciados. Em contraste, o PP *dessa empresa*, em (31), não localiza o evento inteiro.

13. Isso significa, por exemplo, que é impossível que o argumento interno de um verbo transitivo, saturado com o clítico SE receba interpretação impessoal, como se observa abaixo. A sentença em (i) só pode ter uma interpretação reflexiva.

(i) A Maria se lava todos os dias.

^{OK}A Maria lava ela mesma todos os dias.

*A Maria lava pessoas todos os dias.

14. Aparentemente, todos os verbos inergativos são do tipo *stage-level*. A inclusão desse tipo de verbo entre os exemplos em (32) tem a intenção de mostrar que o clítico SE, em sentenças impesso-

um participante arbitrário só é obtida para o argumento externo de verbos *stage-level* nesse caso. Os exemplos em (33) são versões sem o clítico das sentenças em (32). Da comparação, depreende-se que somente o verbo transitivo e o verbo inergativo *stage-level* são licenciados em impessoais não marcadas. Em outras palavras, isso significa que somente o argumento externo de verbos transitivos *stage-level* pode receber uma interpretação arbitrária em impessoais nulas.

- (33) a. Vende bons vinhos naquele restaurante.
b. *Cresce muito após sair da casa dos pais.
c. *Após os 70 anos, teme a morte instantânea.
d. *Nesta fila imensa fica muito tempo.
e. Neste país trabalha muito.

Das restrições de formação em (33), fica claro que sentenças como (33a) não podem ser analisadas como variantes das chamadas construções indeterminadoras do sujeito, que são caracterizadas por um verbo na 3ª pessoa do plural, possibilidade apontada por um parecerista. Uma diferença que pode ser apontada é o fato de as construções com o verbo na 3ª pessoa do plural serem possíveis com verbos inacusativos, desde que o sujeito seja humano, como em *Caíram na escada*. Ainda, é interessante notar que essas construções indeterminadoras com um verbo na 3ª pessoa do plural licenciam verbos de *individual-level*, como em *Nessa escola sabem bem matemática*, o que contrasta com os exemplos acima.

Uma vez que as impessoais não marcadas não podem ser caracterizadas como perda de morfologia – tanto a perda de SE quanto a perda de concordância de número de 3ª pessoa do plural não parecem explicar todas as restrições –, a pergunta a ser feita é: como essas restrições verbais podem dar pistas da sintaxe dessas sentenças? Ao levar em conta a restrição verbal, apontada em (33), juntamente com o fato de que só modificadores locativos são licenciados, como se vê em (30c), pode-se entender melhor essa construção.

Como vimos, os modificadores adverbiais licenciados em impessoais nulas são modificadores de todo o evento verbal e, portanto, concatenados acima de *vP*. Dada a posição estrutural de licenciamento, tais modificadores já estão em uma posição estrutural semelhante à de um argumento externo. A seleção de um tipo específico de modificador locativo também aponta para o fato de que esse modificador é selecionado pelo verbo, comportando-se de forma parecida a um argumento. É nesse ponto que a seleção verbal se mostra relevante. Se tais locativos não tivessem nenhum papel na interpretação de um participante arbitrário do evento, seria esperado que verbos inacusativos também licenciassem a interpretação arbitrária, contrariamente ao que se observa. Todavia, se a interpretação de um participante arbitrário está ligada ao locativo,

ais, não tem restrições de nenhuma natureza: tanto transitivos quanto inacusativos e inergativos são licenciados, independentemente de serem esses verbos de *stage* ou *individual-level*.

o fato de que somente o argumento externo de verbos *stage-level* pode receber uma interpretação arbitrária em impessoais não marcadas pode ser explicado. O locativo é concatenado acima de vP, assim como o argumento externo. Em outras palavras, a presença desse locativo leva à leitura de existência de um participante arbitrário.

Se esse raciocínio está no caminho certo, mais uma pergunta é necessária: como um locativo pode levar a uma interpretação arbitrária? Em uma série de trabalhos, locativos estão relacionados com fechamento existencial. Contudo, ter a propriedade de fechamento existencial não se correlaciona, necessariamente, com ter traços-*phi* de pessoa, como os exemplos em (34) mostram. O contraste relevante pode ser visto pela comparação entre as sentenças não marcadas em (34) a suas contrapartes marcadas em (35). Ressalto que o julgamento para (34) se refere a sentenças que descrevem situações habituais em que um participante que não inclui nem o falante ou o ouvinte faz alguma ação. Os julgamentos apresentados mudam se as sentenças exprimirem obrigação e não descrição habitual de um evento (*Aqui vive isolado!*) e se o falante ou ouvinte forem inclusos na referência. Esse é um outro tipo de impessoal nula não notada na literatura e descrita em Carvalho (2016b). Neste texto, só o tipo que tem fechamento existencial, como vim argumentando, será descrito.

Com isso em mente, impessoais não marcadas não aceitam advérbios orientados para sujeito como (34a-b) mostram, enquanto a contraparte marcada licencia esse mesmo tipo de advérbio (35a-b). Por sua vez, (34c) mostra que predicados secundários não são licenciados, enquanto (35c) mostra que os predicados secundários são licenciados nas versões marcadas.¹⁵ Essa é mais uma evidência para a afirmação de que são os locativos responsáveis pela interpretação existencial nesse caso. Esses elementos têm somente uma propriedade semântica que permite o fechamento existencial (cf.: Brody 2013).

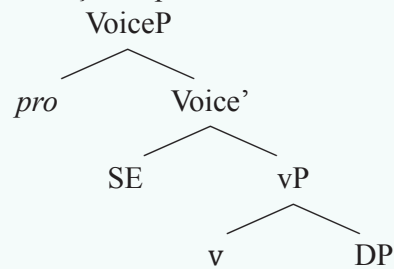
15. Um parecerista anônimo julga as sentenças em (34) como gramaticais ou, pelo menos, aceitáveis e sugere a leitura de Avelar (2009), Avelar e Galves (2011, 2013, 2014) e Avelar e Cyrino (2008) para a comprovação desse juízo de gramaticalidade.

Em todos esses artigos, testes como os que são feitos em (34) não são discutidos. Também não se notam, nesses textos, as restrições verbais notadas aqui. Ressalto que os exemplos em (34) não querem dizer que impessoais não marcadas são mal-formadas, o que parece ter sido a interpretação do parecerista. Quero, na verdade, ressaltar que elas não licenciam elementos que apontariam para a presença de um pronome na projeção de *Voice*. Um *pro* genérico em Spec, TP, como o mesmo parecerista sugere, também não explicaria os fatos em (34). O não licenciamento desses elementos bem como as restrições de seleção verbal, apontadas em (33) não são comumente notadas na literatura. O julgamento reportado aqui também pode ser encontrado de forma similar em Cavalcante (2003) e Rodrigues (2004), ainda que a explicação para a agramaticalidade de licenciamento de certos elementos seja outra. Para uma discussão mais detalhada dessas propriedades, ver Carvalho (2016a, 2016b) e Alexiadou e Carvalho (no prelo).

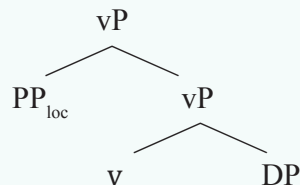
- (34) a. *Naquele restaurante vende vinhos bons **de propósito**.
 b. *Aqui empresta dinheiro **com boa vontade**.
 c. *Aqui vive **isolado**.
- (35) a. Naquele restaurante se vende vinhos bons **de propósito**.
 b. Aqui se empresta dinheiro **com boa vontade**.
 c. Aqui se vive **isolado**.

À semelhança do que se disse sobre a diferença entre médias marcadas e não marcadas, a perda do SE também levou à perda de uma projeção *Voice*, responsável pela agentividade das sentenças em impessoais não marcadas. Todavia, diferentemente do que se viu com as médias, um outro elemento foi usado para que a interpretação arbitrária se mantivesse em impessoais. As diferenças de estrutura, nesse caso, são mostradas em (36) e (37).

- (36) Sentenças impessoais marcadas



- (37) Sentenças impessoais não marcadas



3. Por que a relação entre Voice e SE?

Na seção 2, com base em testes empíricos, assumi que as diferenças entre os eventos marcados e não marcados se dá por causa da perda da projeção *Voice*. Mais particularmente nos casos de médias e impessoais, a perda de SE leva também à perda de *pro*, o que se deve traduzir como alguma forma de dependência entre esses dois elementos dentro de *Voice*. Como se daria essa relação de dependência? Outra questão que se coloca é: o que acontece em línguas como inglês que não têm manifestação morfológica de *Voice*? O fato de não haver manifestação morfológica significa, necessariamente, que não há uma projeção *Voice* nos eventos estudados aqui?

Na seção 3.1, estabeleço a relação entre SE e *pro*, inspirada em uma discussão presente em Legate (2014). Na seção 3.2, comento o caso do inglês,

A relação entre a presença do núcleo *Voice* e o clítico SE no português brasileiro*

mostrando que a relação entre a perda de *Voice* em PB está ligada à perda de morfologia.

3.1 SE: traços-*phi* restritivos

Legate (2014:69), ao estudar construções passivas em acehnese, analisa o prefixo que antecede o verbo, em (38), como um morfema de *Voice*.¹⁶

- (38) Aneuk nyan di-kap (lé uleue nyan).
 Child DEM 3FAM-bite by snake DEM
 The child was bitten (by the snake).
 ‘A cobra mordeu a criança.’

Para a autora, esse prefixo se encontra em *Voice*, portanto modifica a posição de argumento externo, mas não a satura. Para elaborar formalmente essa ideia, a autora recorre à tipologia de Chung e Ladusaw (2004) para argumentos indefinidos e incorporados. Chung e Ladusaw observam que elementos incorporados ao verbo sempre devem ser acompanhados de objetos em chamorro. Se esses elementos estivessem se comportando como argumentos reais do verbo – isto é, saturando posições argumentais – não haveria razão para a necessidade de um outro elemento para formar uma sentença gramaticalmente bem formada. Por isso, os autores propõem que alguns elementos **restringem** um predicado, estabelecendo que traços o elemento que saturará o predicado deve conter. Elementos restritores necessitam de um elemento adicional para que sejam interpretados. A título de exemplificação da operação restrição, considere a sentença (39), de Chung e Ladusaw (2004:76). Nessa sentença, há um elemento incorporado ao verbo, que significa ‘animal de estimação’, mas que não é suficiente para veicular o conteúdo ‘uma pessoa teve um animal de estimação.’ Assim, uma vez que esse elemento restringe essa posição, o DP que irá saturar a posição argumental deve ser semanticamente compatível com essa informação, além de possuir traços-*phi* de mesma natureza, que, no caso, são 3ª pessoa do singular e masculino.

- (39) Găi-ga’ yu’ kătu, lao matai.
 AGR.have-pet I cat but AGR.die.
 ‘I had a pet cat, but it died.’
 ‘Eu já tive um gatinho, mas ele morreu.’

Como os exemplos em (38) e (39) deixam claro, elementos restritores são de natureza fraca, como prefixos e nomes incorporados, por não possuírem

16. Legate faz uma série de testes que mostram que análises para esse prefixo como uma marca de concordância ou um pronome estão incorretas para os dados da língua. O leitor interessado deve consultar o Capítulo 2 do trabalho citado para uma discussão pormenorizada.

especificação semântica e traços-*phi* suficientes, eles não podem saturar uma posição argumental, necessitando de um elemento que faça essa tarefa.

Com esse arcabouço em mente, considere, novamente, as sentenças que são objeto de estudo deste trabalho para responder à questão: por que a perda do SE leva à perda de *pro* em médias e impessoais? A resposta a essa pergunta está ligada à relação de dependência dos dois elementos. Assim, SE se constitui como um conjunto interpretável de traços-*phi* de número e, talvez, 3ª pessoa, mas impossível de, por si só, denotar uma entidade. O elemento que irá saturar a posição de argumento externo é *pro*, que também tem traços de número e pessoa, mas comporta-se como um pronome pleno. Portanto, dada a relação de dependência entre SE e *pro*, *pro* não é mais projetado.

Então, pode-se localizar também no domínio dos eventos uma consequência da perda de morfologia do PB. Seguindo a tendência geral de perda de clíticos, a perda de SE leva à perda de um tipo específico de *Voice*. Os eventos que eram construídos com esse tipo de *Voice* são afetados em alguma escala. Em anticausativas, a afetação é preponderantemente morfológica, já que anticausativas não possuem um argumento externo. Nesse caso, a perda de SE leva à perda de uma projeção constituída, somente, de SE no núcleo de *Voice*. Em médias e impessoais, por outro lado, *pro* que satura a posição argumental restringida por SE, tem mudanças maiores de estruturas. Médias passam a se comportar como inacusativas genéricas e impessoais precisam recorrer a outros expedientes para gerar a interpretação arbitrária, característica desse tipo de evento. Pode-se, então, afirmar que a decisão da criança falante do PB, quando exposta aos dados que se examinou aqui é fazer uma regra do tipo ‘sem SE ⇒ sem *Voice*’.

Contudo, na subseção que se segue, vemos que o inglês, que não tem a manifestação morfológica da categoria *Voice*, projeta essa categoria em médias. Para essa comparação da categoria *Voice* em inglês e português, investigaremos médias, em especial, por duas razões:

- (i) anticausativas não precisam de *Voice* e vimos, na seção 2.1, que esses eventos são bieventivos, independentemente da presença dessa projeção, porque a posição de argumento externo nunca é saturada nesse caso;
- (ii) línguas sem sincretismo de voz geralmente possuem um pronome específico para sentenças impessoais, como *one* do inglês. Assim, resta-nos estudar o comportamento de médias em línguas como o inglês para testar se uma regra como ‘sem SE ⇒ sem *Voice*’ é uma

A relação entre a presença do núcleo Voice e o clítico SE no português brasileiro*

regra geral quando da falta de expoência morfológica de *Voice* ou uma regra específica do PB.

3.2 *Médias do inglês*

Levando em conta, especialmente, médias do inglês e do holandês, a literatura sobre médias germânicas usualmente reconhece alguns sinais de presença de *Voice* nessas línguas. Todavia, os sinais de *Voice* em médias nessas línguas são mais fracos que em médias marcadas em línguas românicas. Considerem-se dois conjuntos de dados. Os exemplos em (40) e (41), de Ackema e Schoorlemmer (1995:175), ilustram que médias do inglês não licenciam advérbios orientados para agente ou orações de propósito, ao contrário de médias marcadas no PB, por exemplo.

- (40) *Walls paint easily on purpose.
(41) *Walls paint to protect them against the rain.

Todavia, também se observou na literatura que as médias do inglês selecionam verbos transitivos. Como o inglês é uma língua que quase sempre usa o mesmo verbo em sentenças inacusativas e causativas, essa seleção especial de médias é, por vezes, difícil de ver. Os poucos verbos que são especializados para formas inacusativas ou transitivas, todavia, mostram essa propriedade de médias do inglês.¹⁷ As sentenças (42) e (43), retiradas de Lekakou (2005:31), exemplificam isso.

- (42) Obedient daughters raise more easily than disobedient sons.
(43) The vinyl floor lays/*lies in a few hours.

Por fim, os dados de (44) a (46), de Stroik (1992:131; 134 e 135), mostram que médias do inglês podem licenciar PPs experienciadores, orações gerundivas e anáforas.

- (44) No Latin text translates easily for Bill.
(45) Most physics books read poorly even after reading them several times.
(46) Books about oneself never read poorly.

Se, por um lado, os exemplos de (44) a (46) podem apontar para a presença de um argumento implícito, o fato de advérbios orientados para agente e orações de propósito não serem licenciados em (40) e (41), fica sem explicação. Autores

17. Uma exceção parece ser '*Chicken die easily*', que co-ocorre como '*Chicken kill easily*'. Schäfer (2008:238), com base em uma comunicação pessoal de Alec Marantz, afirma que esse verbo se comporta às vezes como inergativo, uma vez que licencia objetos cognatos, uma propriedade de verbos inergativos de acordo com Hale e Keyser (2002).

que não assumem a presença de um argumento implícito em médias do inglês, como Ackema e Schoorlemmer (1995), notam que o licenciamento desses elementos não acontece com todas as médias do inglês e que há explicações alternativas para esses casos. A anáfora em (46), por exemplo pode ser analisada como logofórica.

De qualquer forma, embora não haja evidências suficientes para se postular a existência de um *pro* ou PRO em médias do inglês, os dados sugerem a existência de algum tipo de agentividade. Pode-se assumir que essa agentividade seja representada pela presença de uma projeção *Voice* com papel temático de agente, mas sem morfologia específica. Há abordagens atuais específicas para como se dá a saturação desse papel temático (vejam-se, por exemplo, Lekakou 2005, Schäfer 2008), as quais não detalharei aqui porque o objetivo é traçar uma comparação com os dados do PB. Particularmente, o que os dados do inglês sugerem é que uma visão dicotômica que contrasta a presença ou a ausência de argumentos implícitos não se sustenta. Esses dados parecem indicar que há uma escala quanto aos testes aqui utilizados. Mais particularmente, alguns são sensíveis a uma especificação completa em termos de traços-*phi* de um pronome ou projeção funcional, enquanto outros são sensíveis à presença desses elementos independentemente de sua especificação. Deixo essa questão para trabalhos futuros.

Tendo, então, essa noção panorâmica dos dados do inglês, pode-se perceber que a presença de *Voice* não é, necessariamente, dependente de morfologia, já que as médias do inglês têm uma presença fraca de agentividade, que aponta a presença de *Voice* nessas construções. Em outras palavras, a perda de *Voice* no PB está ligada a uma escolha paramétrica, que não é seguida em inglês, por exemplo.

4. Conclusão

Levando em conta a discussão, respondo, agora, às perguntas que iniciaram este texto, as quais são repetidas abaixo e seguidas de suas respostas:

- (i) Qual é a diferença estrutural entre as formas marcadas dos eventos acima (formas com o clítico SE) e suas formas não marcadas (sem o clítico SE)?

As formas marcadas possuem a projeção *Voice*, enquanto as formas não marcadas não possuem essa projeção. Todavia, anticausativas marcadas possuem uma estrutura de *Voice* menos articulada do que a estrutura de médias e impessoais marcadas. Assim, a perda de *Voice* naquele tipo de evento foi uma perda somente com impacto morfológico, já que *Voice* em anticausativas não introduz um novo argumento. Em médias e impessoais, pelo contrário, a perda de *Voice*

A relação entre a presença do núcleo Voice e o clítico SE no português brasileiro*

significa a perda de representação de agentes sintáticos em médias e impessoais. Médias não marcadas são inacusativas genéricas e impessoais não marcadas recorrem a uma operação de fechamento existencial para a representação (semântica) do agente.

(ii) Qual é o papel do clítico SE nessas sentenças?

O papel do clítico SE é introduzir um tipo específico de *Voice*. Seguindo a análise de Legate (2014) para passivas em acehnese, assumi que SE é um restritor em *Voice*: esse elemento restringe um predicado, mas não pode saturar uma posição argumental porque é fraco. Quem satura essa posição é *pro* em médias e impessoais marcadas. Por consequência, a perda de SE, que segue a tendência do PB de perdas morfológicas, leva à perda de uma projeção específica de *Voice*. Como a breve discussão do inglês indica, essa é uma tendência do PB e não de línguas sem morfologia de *Voice* em geral.

(iii) Essas mudanças argumentais podem nos dizer alguma coisa sobre as mudanças em curso no PB?

No que tange a uma relação com as mudanças sintáticas do PB, pode-se ver que as mudanças morfossintáticas nessa língua também afetam sua estrutura de eventos. Isso mostra que a estrutura dos eventos é também sintática e reflete tendências de mudança geral da língua.

Recebido em: 07/12/2016

Aprovado em: 07/07/2017

Email:

Janayna Carvalho janaynacarvalho@gmail.com

Referências

- ACKEMA, Peter & SCHORLEMMER, Maaïke. 1995. Middles and nonmovement. *Linguistic Inquiry*, **26(2)**:173-197.
- AGUIAR, Ana. 2007. *Da estrutura de expressões nominais quantificadas em posição de tópico*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Brasília.
- ALEXIADOU, Artemis. 1997. *Adverb placement: A case study in antisymmetric syntax*. Amsterdam: John Benjamins Publishing.
- ALEXIADOU, Artemis; ANAGNOSTOPOULOU, Elena; SCHÄFER, Florian. 2006. The properties of anticausatives crosslinguistically. In: FRASCARELLI, Mara (Ed.). *Phases of interpretation*. Berlin/New York: Walter de Gruyter.
- ALEXIADOU, Artemis; ANAGNOSTOPOULOU, Elena; SCHÄFER, Florian. 2015. *External arguments in transitivity alternations: a layering approach*. Oxford: Oxford University Press.

- ALEXIADOU, Artemis; CARVALHO, Janayna. No prelo. *The role of locatives in (partial) pro-drop languages*. In: BAILEY, Laura; SHEEHAN, Michelle. (Eds.). *Order and Structure in syntax: argument structure and subjecthood*. Berlin: Language Science Press.
- AVELAR, Juanito. 2009. Inversão Locativa e Sintaxe de Concordância no Português Brasileiro. *Matraga*, **16**: 232-252.
- AVELAR, Juanito; CYRINO, Sônia. 2008. Locativos Preposicionados em Posição de Sujeito: uma Possível Contribuição das Línguas Bantu à Sintaxe do Português Brasileiro. *Linguística*, **3**: 55-76.
- AVELAR, Juanito; GALVES, Charlotte. 2011. Tópico e concordância em português brasileiro e português europeu. *Textos Seleccionados do XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*: 49-65.
- AVELAR, Juanito; GALVES, Charlotte. 2013. Concordância Locativa no Português Brasileiro: Questões para a Hipótese do Contato. In: MOURA, Maria Denilda; SIBALDO, Marcelo. (Orgs.). *Para a História do Português Brasileiro*. Maceió: Edufal.
- AVELAR, Juanito; GALVES, Charlotte. 2014. O papel das línguas africanas na emergência da gramática do português brasileiro. *Revista Linguística*, **30**, 241-288.
- BRODY, Michael. 2013. Silent people. In: BRANDTLER, Johan; MOLNÁR, Valéria; PLATZACK, CHRISTER. (Eds.). *Approaches to Hungarian: Volume 13: Papers from the 2011 Lund conference*. Berlin/New York: John Benjamins Publishing.
- CAVALCANTE, Sílvia. 1999. *A indeterminação do sujeito na escrita padrão: a imprensa carioca nos séculos XIX e XX*. Dissertação (Mestrado em Letras) -Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- CAVALCANTE, Sílvia. 2003. *On the Arbitrary/Generic Null Subject in Brazilian Portuguese*. Manuscrito. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- CAVALCANTE, Sílvia. 2006. *O uso de SE com infinitivo na história do português: do Português Clássico ao Português Europeu e Brasileiro modernos*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- CARVALHO, Janayna. 2016a. *A morfossintaxe do português brasileiro e sua estrutura argumental: uma investigação sobre anticausativas, médias, impessoais e a alternância agentiva*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- CARVALHO, Janayna. 2016b. *Teasing apart 3rd person null subjects in Brazilian Portuguese*. Trabalho apresentado no Going Romance 30.
- CINQUE, Guglielmo. 1999. *Adverbs and functional heads: A cross-linguistic perspective*. Oxford: Oxford University Press.
- CYRINO, Sônia. 2007. Construções com SE e promoção de argumento no português brasileiro: Uma investigação diacrônica. *Revista da Abralín*, **6(2)**, 85-116.

A relação entre a presença do núcleo Voice e o clítico SE no português brasileiro*

- CYRINO, Sônia. 2013. Argument promotion and SE-constructions in Brazilian Portuguese. In: VAN GELDEREN, Elly; CENNAMO, Michela; BARDDAL, Jóhanna. (Orgs.). *Argument Structure in Flux: the Naples-Capri Papers*. Amsterdam: John Benjamins.
- CHUNG, Sandra; LADUSAW, William. 2004. *Restriction and saturation*. Massachusetts: MIT Press.
- CONDORAVDI, Cleo. 1989. The middle: where semantics and morphology meet. *MIT Working Papers in linguistics*, **11**: 18-30.
- DUARTE, Maria Eugênia. 2002. Construções com se apassivador e indeterminador. In: RAMOS, Jânia; ALKMIN, Mônica (Orgs.). *Para a história do português brasileiro: novos estudos*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG.
- EMBICK, David. 2015. *The Morpheme: A Theoretical Introduction*. Boston/Berlin: Walter de Gruyter.
- FELLBAUM, Christiane. 1986. *On the middle construction in English*. Indiana: Indiana University Linguistics Club.
- FREITAS, Maria Luiza. 2015. *Estudo experimental sobre os nominalizadores 'ção' e 'mento': localidade, ciclicidade e produtividade*. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- GALVES, Charlotte. 1988. Algumas diferenças entre português de Portugal e português do Brasil e a teoria de regência e vinculação. In: *Anais do Congresso Sobre a Situação Actual da Língua Portuguesa no Mundo*. Lisboa: ICALP
- GALVES, Charlotte. 2001. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- HALE, Kenneth; KEYSER, Samuel. 2002. *Prolegomenon to a theory of argument structure*. Massachusetts: MIT Press.
- KATO, Mary. 1998. Tópico como Alçamento de Predicados Secundários. *Caderno de Estudos Linguísticos*, **34**: 67-76.
- KATO, Mary. 1999. Strong and weak pronominals in the null subject parameter. *Probus*, **11(1)**: 1-37.
- KATO, Mary. 2012. Caso inerente, caso default e ausência de preposições. In: SEDRINS, Adeilson; CASTILHO, Ataliba; SIBALDO, Marcelo; LIMA, Rafael. *Por amor à Linguística*. Maceió: Edufal.
- KRATZER, Angelika. 1995. Stage-level and individual-level predicates. In: CARLSON, Gregory. *The generic book*. Chicago: University of Chicago Press.
- LEGATE, Julie Anne. 2014. *Voice and v: Lessons from Acehnese*. Massachusetts: MIT Press.
- LEKAKOU, Maria. 2005. *In the middle, somewhat elevated: The semantics of middles and its crosslinguistic realizations*. Tese (Doutorado em Linguística). University of London, London.
- MAIENBORN, Claudia. 2003. Event-internal modifiers: Semantic underspecification and conceptual interpretation. In: LANG, Ewald.; MAIENBORN, Claudia; FABRICIUS-HANSEN, Cathrine. (Eds.). *Modifying Adjuncts*. Berlin/New York: de Gruyter.

- NEGRÃO, Esmeralda; VIOTTI, Evani. 2008. Estratégias de impessoalização no português brasileiro. In: FIORIN, José Luiz; PETTER, Margarida. *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto.
- NEGRÃO, Esmeralda; VIOTTI, Evani. 2011. A ergativização do português brasileiro: uma conversa continuada com Carlos Franchi. In: HORA, Demerval; NEGRÃO, Esmeralda (Orgs.). *Estudos da Linguagem. Casamento entre temas e perspectivas*. João Pessoa, Ideia/Editora Universitária.
- NUNES, Jairo. 1990. *O famigerado se: uma análise sincrônica e diacrônica das construções com se apassivador e indeterminador*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- NUNES, Jairo. 1995. Ainda o famigerado se. *DELTA*, **11(2)**, 201-240.
- PACHECO, Juliana. 2008. *As construções médias do português do Brasil sob a perspectiva teórica da morfologia distribuída*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- RAPOSO, Eduardo; URIAGEREKA, Juan. 1996. Indefinite se. *Natural Language & Linguistic Theory*, **14(4)**, 749-810.
- RODRIGUES, Cilene. 1998. *Aspectos sintáticos e semânticos das estruturas médias no Português do Brasil: um estudo comparativo*. *Aspectos sintáticos e semânticos das estruturas médias no Português do Brasil: um estudo comparativo*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília.
- RODRIGUES, Cilene. 2004. *Impoverished morphology and A-movement out of case domains*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Maryland, Maryland.
- SCHÄFER, Florian. 2008. *The syntax of (anti-) causatives: External arguments in change-of-state contexts*. Amsterdam: John Benjamins Publishing.
- SILVA, Lídia. 2012. *A manifestação das noções de ignorância e conhecimento no português brasileiro: o caso de algum e (um) certo*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- SCHÜTZE, Carson. 2001. On the nature of default case. *Syntax*, **4(3)**, 205-238.
- STROIK, Thomas. 1992. Middles and movement. *Linguistic inquiry*, **23(1)**, 127-137.
- VON STECHOW, Arnim. 1996. The different readings of wieder 'again': A structural account. *Journal of semantics*, **13(2)**: 87-138.